



SEÇÃO: LITURGIA

O fundamento está no sacramento, a forma está na Eucaristia: liturgia e existência cristã segundo J. Ratzinger/Bento XVI

The foundation is in the sacrament, the form is in the Eucharist: liturgy and Christian existence according to J. Ratzinger/Bento XVI

El fundamento está en el sacramento, la forma está en la Eucaristía: liturgia y existencia cristiana según J. Ratzinger/Bento XVI

Rudy Albino de

Assunção¹

orcid.org/0000-0001-5969-7664

rudyassuncao@hotmail.com

Recebido em: 21/10/2021.

Aprovado em: 22/10/2021.

Publicado em: 30/12/2021.

Resumo: A teologia e o magistério papal de Joseph Ratzinger-Bento XVI dão grande centralidade ao sacramento da Eucaristia. Mas não só sob a ótica da configuração do culto, mas como um mistério que toca e configura toda a existência cristã. Para ele, na própria criação há uma dimensão sacramental, que leva o homem a transcender a sua mera constituição biológica. Nesta linha de análise antropológica, Ratzinger insere a sua reflexão sobre a originalidade dos sacramentos cristãos. E, assim, indica de que modo estes sacramentos transformam o existir daqueles que os receberam. Do mesmo modo, Bento XVI promoveu um aprofundamento do modo como a Eucaristia transforma e atinge a vida cristã, a ponto de lhe dar a sua configuração mais decisiva. Este artigo quer mostrar como esta chave de leitura *existencial* está no núcleo da teologia litúrgica do teólogo-papa alemão, pois é ela que explica o verdadeiro "culto espiritual" a que ele, na linha de Paulo em Rm 12,1, que conduzir toda a Igreja e todo homem.

Palavras-chave: Joseph Ratzinger. Bento XVI. Eucaristia. Existência cristã.

Abstract: The theology and papal magisterium of Joseph Ratzinger-Benedict XVI give great centrality to the sacrament of the Eucharist. But not only from the point of view of the configuration of worship, but as a mystery that touches and shapes the whole of Christian existence. For him, in creation itself there is a sacramental dimension, which leads man to transcend his mere biological constitution. In this line of anthropological analysis, Ratzinger inserts his reflection on the originality of the Christian sacraments. And, in this way, he indicates how these sacraments transform the existence of those who have received them. In the same way, Benedict XVI promoted a deepening of the way in which the Eucharist transforms and reaches the Christian life, to the point of giving it its most decisive configuration. This article wants to show how this *existential* reading key is at the core of the liturgical theology of the German theologian-pope, because it explains the true "spiritual worship" to which he, in the line of Paul in Romans 12:1, wants to lead the whole Church and every man.

Keywords: Joseph Ratzinger. Benedict XVI. Eucharist. Christian existence.

Resumen: La teología y el magisterio papal de Joseph Ratzinger-Benedicto XVI dan gran centralidad al sacramento de la Eucaristía. Pero no sólo desde el punto de vista de la configuración del culto, sino como un misterio que toca y configura toda la existencia cristiana. Para él, la propia creación tiene una dimensión sacramental que lleva al hombre a trascender su mera constitución biológica. En esta línea de análisis antropológico, Ratzinger inserta su reflexión sobre la originalidad de los sacramentos cristianos. Y, de este modo, indica cómo estos sacramentos transforman la existencia de quienes los han recibido. Asimismo, Benedicto XVI ha promovido una profundización del modo en que la Eucaristía transforma y afecta a la vida cristiana, hasta darle su configuración más decisiva. Este artículo pretende mostrar cómo esta clave de lectura *existencial* está en el



¹ Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA), Quixadá, CE, Brasil.

centro de la teología litúrgica del teólogo-papa alemán, ya que explica el verdadero "culto espiritual" al que, en línea con Pablo en Rom 12,1, quiere conducir a toda la Iglesia y a todo hombre.

Palabras-clave: Joseph Ratzinger. Benedicto XVI. Eucaristía. Existencia cristiana.

Introdução

Acentuar a relação entre culto e existência cristã – o "fluxo e refluxo" (TRACCA, 1992, p. 893) entre o que é celebrado e o que é vivido no cotidiano dos fiéis – foi uma das preocupações de movimento litúrgico e da própria reforma litúrgica do Concílio Vaticano II. Desde então, tanto a teologia litúrgica contemporânea quanto magistério eclesiástico têm se preocupado em promover a unidade entre estes dois âmbitos (CASTELLANO, 2008, p. 61-86).

Por isso mesmo a ciência dedicada ao culto divino que ensejou o Concílio e que foi inspirada nele passou a ver a liturgia segundo a tríplice dimensão de *mistério*, *ação* e *vida* (MARTÍN, 2006, p. 48-49), dado que a grande assembleia deixou de apresentá-la exclusivamente sob a ótica *tradicional* (baseada na distinção entre elementos mutáveis e imutáveis) e *estático-jurídica* (culto externo regulado por rubricas) passando assim a uma visão estritamente *teológica* (liturgia como realização da obra redentora) (AUGÉ, 1998, p. 60-61).

A liturgia passa a ser entendida como um momento histórico da salvação, como o prolongamento ritual da ação salvadora de Jesus (MARSILI, 1987, p. 137-190; 1992, p. 644). Não há separação absoluta entre a vida de Deus e a história humana: há a economia da revelação e da salvação. Deus entra na história. E nela há uma

economia sacramental: a Igreja, sacramento da presença de Cristo no mundo, prolonga a ação sua salvadora, seu mistério pascal, por meio das celebrações sacramentais. Tanto que a *Lumen fidei*, escrita em sua maior parte por Bento XVI e publicada por Francisco em 2013, afirmava (n. 31): "Por meio da sua encarnação, com a sua vinda entre nós, Jesus tocou-nos e, através dos sacramentos, ainda hoje nos toca". Precisamente por isso "o rito litúrgico é, antes de mais nada, *senal da santificação* que Cristo opera em nós, e, como tal, é, na sua própria ritualidade, sinal do nosso culto espiritual" (MARSILI, 1992, p. 644).²

Ratzinger mesmo, em *Introdução ao Espírito da liturgia* (2013, p. 133-141)³, mostra que o verdadeiro significado do rito⁴ – antes de manifestar a eclesialidade da oração comunitária cristã (RATZINGER, 2019, p. 143) – funda-se na raiz da ideia de *ortodoxia*, que remete ao "verdadeiro esplendor", à "glória de Deus". Ortodoxia, em sentido cristão mais originário, é "modo correto de glorificar a Deus e a reta forma de adoração", ou seja, "é, por sua natureza, 'ortopraxis'" (RATZINGER, 2019, p. 137). Assim, o rito pode ser conceituado na linha a seguir:

O "rito" é, portanto, para os cristãos, uma forma concreta que abraça o tempo e o espaço e configura na comunidade o modelo fundamental de adoração recebido por meio da fé. *Por sua vez, essa adoração, [...] envolve sempre uma práxis da vida.* O rito tem, portanto, o seu lugar primário na liturgia, mas não somente nela. Ele se exprime, também, em um determinado modo de fazer teologia, *na forma da vida espiritual* e nas formas jurídicas de ordenação eclesial (RATZINGER, 2019, p. 138, grifo nosso).

Da liturgia nasce uma forma de vida e, sobretudo, de uma vida espiritual. Todo o esforço conciliar

² Vale, neste ponto da discussão, a exortação do beneditino Mariano Magrassi – reconhecido autor de espiritualidade e liturgia – durante os Exercícios Espirituais ao Papa Paulo VI e à Cúria Romana na Quaresma de 1977: "Penso que os dois riscos, que o movimento litúrgico tem sempre diante de si, sejam os do *rubricismo* (era mais uma coisa de ontem, mas se apresenta também hoje, sob novas formas) e o de um *pastoralismo* reduutivo, que esvazia o sentido do mistério. [...] Parece-me indispensável, antes de tudo, superar a noção cerimonial. O termo 'cerimônia' pode ter também um significado positivo, mas no uso corrente assumiu um muito negativo. A gente diz: 'Não faça cerimônia!' É melhor dizer 'ritos'. E o que é *rito*? É um *acontecimento de salvação*. Devemos recuperar a experiência do ato litúrgico como *acontecimento*, como algo que *acontece*, que tem Deus como protagonista e no qual me é oferecida uma salvação que me atinge e me transfere para o divino, me enxerta na Páscoa de Cristo. Uma magnífica coleta diz que toda vez que se celebra o Santo Sacrifício, realiza-se a obra da nossa redenção: *opus nostrae redemptionis exercetur: opus*, obra, algo que se faz, que acontece. Então se vai ao ato litúrgico como a um encontro salvífico. Lá se encontra o Cristo que salva. Supera-se então a noção de liturgia como um complexo de gestos, de palavras, a cumprir com exatidão, como isto bastasse e a gente se abre a uma concepção que a vê, agora, como um espaço de autêntico encontro com o Senhor Ressuscitado" (MAGRASSI, 1984, p. 213-214). E para ressaltar a presença de Cristo "devemos utilizar todos os elementos concretos do rito para dar conhecimento e experimentar esta presença" (MAGRASSI, 1984, p. 215).

³ Citado neste texto a partir da parte A do vol. XI das *Obras Completas*.

⁴ Para um aprofundamento da noção de "rito" ver Castillo (2013, p. 248-259).

em promover a *participação ativa*⁵ dos fiéis estava centrado exatamente na preocupação de levar cada fiel a entrar no núcleo da celebração litúrgica a fim de irradiá-lo para fora do templo. O Concílio queria a vida como liturgia prolongada. A própria *Sacrosanctum Concilium*, em 1963, logo no seu início (n. 2), acentuava que a liturgia, sobretudo a Eucaristia, "contribui sumamente para que os fiéis expressem em suas vidas e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja...".⁶ Então, a exigência, a urgência neste campo é de que todos cheguem à seguinte consciência:

A liturgia, como celebração de santificação e de culto, permanece aberta à existência do cristão, no lugar onde ele tem que viver sua própria vocação. Seus sentimentos devem estar impregnados daquele dom que teve sua fonte na liturgia, mas que exige uma continuidade existencial (CASTELLANO, 2008, p. 61).

A partir daí não se pode descurar do *antes* e do *depois* do ato litúrgico, ou seja, da dimensão ética do culto ou da dimensão litúrgica da vida do crente (CASTELLANO, 2008, p. 61). A teologia litúrgica se encontra aqui com a teologia moral; o *telos* da liturgia se encontra no *ethos* do dia a dia. A coerência cristã depende desta correspondência:

É a relação que se estabelece entre liturgia e existência cristã que decide se a religião se torna, ou não, robusta e se a vida se transforma de fato em verdadeira adoração de Deus [...] Nós celebramos a liturgia de maneira correta e fecunda quando toda a nossa vida se vai se tornando cada vez mais eucaristia e louvor, cheio de gratidão, a Deus; e nós nos tornamos cada vez mais capazes de celebrar a liturgia quando ordenamos a nossa vida à luz da estrutura e das leis fundamentais da liturgia (HÄRING, 1992, p. 436-437).

Mas não basta exigir determinados comportamentos na vida familiar e laboral para atestar a consonância da vida de um cristão com a liturgia. É preciso ir além, pois "a celebração dos sacramentos e em particular da eucaristia só atinge o seu objetivo quando nos tornamos, por

assim dizer, sacramento" (HÄRING, 1992, p. 437). Esta transformação é o que efetivará o nosso ser cristão. Mas como interpretar a vida em si, a própria condição humana neste mundo à luz da liturgia e, de modo mais específico, à luz dos sacramentos? Ou, ainda, em outras palavras: como "sacramentalizar" a existência *per se*?

1 Do ponto de partida antropológico à originalidade cristã segundo J. Ratzinger

A teologia litúrgica de Joseph Ratzinger contribui imensamente para esta discussão, pois aprofunda a relação entre liturgia e existência e leva esta reflexão também para o campo *antropológico*. Para evidenciá-lo, esta exposição mobilizará textos diversos de Ratzinger, mas privilegiará alguns deles como ponto de partida. O principal recurso aqui é o volume XI das suas *Obras Completas* (em alemão *Joseph Ratzinger Gesammelte Schriften* [JRGS]),⁷ intitulado *Teologia da Liturgia*. Iguamente importante é o seu subtítulo, que dá, logo neste ponto de partida, uma pista decisiva: *O Fundamento sacramental da existência cristã*. É interessante notar que ele advém de um artigo de título quase idêntico, "A estrutura sacramental da existência cristã" (*Die sakramentale Begründung christlicher Existenz*), uma preleção feita por Ratzinger na Semana Universitária de Salzburgo em 1965, inspirada no título do evento: *Der Christ in der Welt – Grundfragen christlicher Existenz* (O cristão no mundo – questões fundamentais da existência cristã) aparecida inicialmente na obra *O que é ser cristão* (RATZINGER, 1969, p. 8) e que, agora, domina a parte B dos JRGS. Na mesma parte está o artigo "O conceito de sacramento" (*Zum Begriff des Sakramentes*), de 23 de janeiro de 1978, na Faculdade de Teologia da Universidade de Eichstätt.

Por isso, embora a parte C do referido volume esteja dedicada inteiramente à Eucaristia, é preciso lê-la à luz da parte B, caso queira ter uma

⁵ Para uma primeira aproximação ao conceito, ver Baraúna (1964). Sobre a noção de *actuosa participatio* em Ratzinger-Bento XVI, ver o estudo de Assunção e Santos (2017).

⁶ Sobre este ponto específico da constituição litúrgica do Vaticano II, ver Maertens (1969, p. 367-369).

⁷ Para informações detalhadas acerca dos JRGS, confira o texto de Schaller (2016).

visão correta do sacramento por excelência e da vida dela advém. O que é dito aí – parte B, de teologia sacramental – permitirá o passo seguro para a compreensão da teologia eucarística de Ratzinger.⁸ E a razão está no prefácio que abre o volume XI, no qual o então Bento XVI dá a chave de leitura de sua teologia da liturgia, com um toque autobiográfico:

A liturgia da Igreja tem sido para mim, desde a infância, a realidade central da minha vida e a instrução teológica de mestres como Schmaus, Söhngen, Pascher e Guardini, que se tornaram o centro do meu trabalho teológico. A matéria que escolhi foi a teologia fundamental, porque, antes de tudo, eu queria ir ao fundo da questão: por que cremos? Mas a essa questão, desde o início, outra foi intrinsecamente incluída, a da resposta correta a ser dada a Deus e, portanto, *a questão sobre o culto divino*. A partir daqui se deve entender o meu trabalho sobre a liturgia. Meu objetivo não eram os problemas específicos da ciência litúrgica, mas sempre *a ancoragem da liturgia no ato fundamental da nossa fé* e, portanto, *também seu lugar em toda a nossa existência humana*" (RATZINGER, 2019, p. 14, grifo nosso).

Esta afirmação é de capital importância para este estudo. A sua preocupação com a ortodoxia está enraizada no próprio ato de fé. A adoração, a ação de graças, o louvor, fazem parte da resposta da fé que o crente dá ao agir de Deus. E, por isso, não há como compreender adequadamente sua teologia eucarística fora deste enquadramento; a liturgia não é uma mera questão de etiqueta cerimonial ou de estética, mas toca da vida inteira.⁹ Portanto, na teologia sacramental de Ratzinger o ponto de partida é a antropologia e a história das religiões e o ponto de chegada é a liturgia cristã (RATZINGER, 2019, p. 218-219). Tanto que o teólogo evangélico Reinhard Hempelmann disse, com certa ironia e razão, que a conferência de 1965, em vez do nome supracitado, devia ter sido intitulada *Die anthropologische Begründung der sakramentalen Existenz* – O fundamento antropológico da existência sacramental (ESNAOLA, 2011,

p. 34), embora nosso autor tenha se orientado pelo tema do evento para definir o título da sua apresentação.

Mas essa linha reflexiva não é exclusiva do *teólogo* Ratzinger. A interpretação sacramental da vida – sobretudo sob a ótica eucarística – também aparece no magistério do papa Bento XVI. Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum caritatis* (2007), particularmente na parte III, o papa alemão apresenta como a Eucaristia incide e transforma a vida cotidiana dos fiéis.

Assim sendo, o intuito deste artigo é mostrar como a reflexão de Ratzinger e o magistério de Bento XVI oferecem uma base sólida para a compreensão da vida vista a partir dos sacramentos e, de modo muito particular, da Eucaristia.¹⁰ Nesse sentido, aqui será apresentada a espiritualidade litúrgica e eucarística na ótica do papa e do teólogo alemão.

1.1 Sacramentos da criação e sacramentos de Cristo

Ratzinger começa com um diagnóstico social: evidencia que se vive nas últimas décadas uma crise da dimensão sacramental, dado que o sacramento pressupõe uma compreensão simbólica, enquanto nosso tempo é caracterizado pela perspectiva *funcionalista*. O homem quer saber a utilidade e a função das coisas. Pois, como ele lembrava no fim da década de 60, o que é próprio da modernidade é acento unilateral na factibilidade das coisas (RATZINGER, 2005, p. 44-50).

Ainda sobre os sacramentos pesa a acusação de que estão envoltos numa linguagem demasiado eclesial e metafísica. Por isso, é imprescindível mostrar "a relação entre sacramento e existência cristã" (RATZINGER, 2019, p. 200), ou seja, que o sacramento diz respeito ao homem, à sua identidade, à sua origem e ao seu destino.

O ponto de partida do teólogo alemão é a ideia de que antes dos sacramentos cristãos existiam

⁸ Para um conhecimento da visão do nosso autor acerca do rito da Celebração Eucarística, ver Assunção (2016).

⁹ Não é à toa que, como legítimo herdeiro das preocupações do Movimento Litúrgico, numa "profecia" sua de 1969 ("Como será a Igreja no ano 2000?") Ratzinger sentenciava – inspirado, certamente, pela reforma litúrgica – que a Igreja, do ponto de vista da fé e da oração, "vai de novo reconhecer seu próprio cerne e mais uma vez experimentar os sacramentos como culto divino e não como problema de configuração litúrgica" (RATZINGER, 1971, p. 77).

¹⁰ Para uma apresentação mais geral da teologia eucarística de Ratzinger, consulte-se Blanco (2006; 2007a, 2007b), Blázquez (2009) e Centurelli (2011).

"sacramentos primordiais" (RATZINGER, 2019, p. 200), *Ursakramente* (RATZINGER, 2008, p. 200) ou ainda "sacramentos da criação" (RATZINGER, 2019, p. 200), *Schöpfungssakramente* (RATZINGER, 2008, p. 200). São aqueles que advêm da natureza biológica e são quatro, pelo menos: o nascimento e a morte, as refeições e a união sexual (RATZINGER, 2019, p. 200-201). Neles se pode ver a presença do eterno no cotidiano. São realidades que mostram a abertura do humano ao transcendente, ao divino. Já representam a passagem de algo puramente animal para uma dimensão mais espiritual da vida humana:

A dimensão biológica adquire no homem, enquanto ser que existe espiritualmente, um novo significado e uma nova profundidade. O comer do homem é algo diferente em relação à ingestão de alimento da parte animal: o comer chega à sua forma quando se torna um banquete. Mas "banquete" significa provar a bondade das coisas nas quais o homem recebe o dom oferecido pela força fecunda da terra, fazendo a experiência do estar junto com outras pessoas. O banquete gera comunhão, o comer é completo somente quando acontece no estar juntos, e o estar juntos atinge a sua plenitude na comunhão do alimento que une todos na comunhão da recepção dos dons desta terra. Assim, o banquete se torna uma interpretação singularmente profunda do ser da pessoa humana, da existência do homem. [...] No banquete o homem experimenta que ele não funda por si mesmo o próprio ser, mas que vive no receber (RATZINGER, 2019, p. 201).

O homem, então, "experimenta que a sua existência se fundamenta sobre o ser em comunhão com o mundo" (RATZINGER, 2009, p. 201); descobre assim que "não se funda por si mesmo, mas é fundado, graças a um dúplice 'com': o ser 'com' as coisas e o ser 'com' os homens" (RATZINGER, 2019, p. 201-202).

De modo particular, o fenômeno do banquete esboça uma resposta à questão antropológica fundamental: que é o homem? (RATZINGER, 2019, p. 202). Ou seja, da passagem/ transformação da simples ingestão ao banquete se dá:

A formação primordial do que é sacramental: o comer que se torna banquete já traz em si traços sacramentais. O homem que, no banquete, não apenas desenvolve o ato biológico

da assunção de alimento, ato estranho ao espírito, mas cumpre, de modo espiritual, o que é biológico (RATZINGER, 2019, p. 202).

Em tudo isso se dá aquela "compenetração entre *bios* e *espírito*" (RATZINGER, 2019, p. 202) que caracteriza a natureza humana que constitui a sua mais característica natureza, pois o homem "experimenta que as coisas são mais do que simples coisas: elas são sinais, cujo significado ultrapassa a sua imediata potencialidade sensível" (RATZINGER, 2019, p. 202). O homem descobre que existem coisas que lhe ultrapassam e que vão além de si mesmas. Por isso, banquete se torna "sinal da realidade divina e eterna que o sustenta bem como todas as coisas e todos os seres humanos e que é o fundamento mais verdadeiro de sua existência" (RATZINGER, 2019, p. 203).

Estes "sacramentos" próprio da história das religiões já sinaliza a experiência pela qual Deus busca, vem ao encontro do ser humano de modo humano: "nos sinais de comunhão humana e na transformação do puramente biológico no humano que, no cumprimento religioso, é transformado em uma terceira dimensão, a autenticação do divino no humano" (2019, p. 203). Nestes sacramentos primordiais se encontra a base antropológica para quatro sacramentos (Batismo, Unção dos enfermos, Eucaristia e Matrimônio).

Depois ele falará de três "pontos nodais sacramentais" (2019, p. 203), *Knotenpunkten* (2008, p. 186.200). São a *culpa*, que demonstra que o homem não constrói, mas recebe a sua existência como um dom e, por isso, sente-se vinculado a uma forma predeterminada para não sentir culpa; aí está a experiência primordial que aponta para o Sacramento da Penitência. O segundo é o *ofício de rei e de sacerdote*: não são mera função comunitária (social), mas expressão da consciência da comunidade estar ancorada em algo maior do que ela. Tais funções remetem e preparam o terreno para a fundação da parte de Cristo do Sacramento da Ordem.¹¹

Chegamos, com isso, a sete formas "sacramentais" (sinais) que precedem a instituição histórica

¹¹ Não aparece uma alusão direta ao sacramento da Confirmação.

dos sacramentos cristãos, a qual Ratzinger que nos conduzir. Ou seja, Deus preparou o homem para receber e, mais do que isso, para se entender a partir dos sacramentos, pois eles vão elevar aquilo que é próprio de sua natureza. "Ratzinger quer mostrar que o septenário sacramental não é algo alheio que vem extrinsecamente, mas que conecta com experiências humanas fundamentais e, portanto, com o que poderíamos conectar com a religiosidade natural" (ESNAOLA, 2011, p. 29).

E é aqui que Ratzinger estabelece uma distinção essencial. Para ele, o primeiro grupo "funda-se sobre a relação entre *bios* e espírito" (RATZINGER, 2019, p. 204) fazendo da relação entre homem-cosmos uma expressão da relação humano-divino:

[...] o segundo grupo toma como ponto de partida o que é tipicamente humano no homem, dá origem à sua história individual e coleta e constitui o que ele tem de particular e de próprio com respeito ao sempre igual do cosmos, morrer e vir-a-ser" (RATZINGER, 2019, p. 204).

Este se diferencia do primeiro por ter entendido "a história como elemento constitutivo da existência humana e experimentado, no que pertence à história, a mediação do que é eterno" (RATZINGER, 2019, p. 204). O segundo grupo é o dos sacramentos próprios do cristianismo.

Duas notas emergem, então, do pensamento ratzingeriano sobre os sacramentos: o homem é um ser biológico, com capacidade de abrir-se ao divino por meio da experiência com realidades como os sacramentos primordiais, mas para isso ele deve ter a capacidade de ver a dimensão simbólica das coisas: "as coisas são algo mais que simples coisas" (RATZINGER, 2019, p. 207).

Mas nestes "sacramentos" próprios da natureza biológica do homem, com a sua capacidade de mostrar a abertura do homem a uma existência relacional, coletiva e igualmente aberta a realidades superiores, acima de sua mera vida natural, falta algo que só virá do âmbito cristão: o acento na dimensão *histórica* do homem. O homem é um ser histórico (RATZINGER, 2009, p. 208), situado no tempo e no espaço, também moldado por

seu contexto. Sua historicidade se dá também no uso que ele faz da palavra, da língua que lhe antecede e de sua inserção numa comunidade humana (RATZINGER, 2019, p. 208). Ou seja, a linguagem é essencial para a realização humana, e a sua assimilação depende da inserção em uma comunidade linguística, do mesmo modo que deve ser inserido numa comunidade sacramental que vive da força e da vida que vêm de Cristo (ESNAOLA, 2011, p. 31).

Isso nos leva ao conceito ratzingeriano de homem que emerge de sua teologia litúrgico-sacramental: "um ser chamado por Deus e para Deus", constituído também por alma e, por isso, "capaz de Deus". O homem vive na mente de Deus e isso o diferencia do animal (RATZINGER, 2019, p. 207). E, acima de tudo:

Fosse talvez esclarecido em que sentido se possa falar de fundamento sacramental da existência humana. Se o "ser chamado por Deus" não somente produz, mas constitui a humanidade do homem, então, o transparecer do mundo em relação ao eterno, que constitui a base do princípio sacramental, faz parte da fundação de sua existência. Logo, é a comunicação sacramental com o Eterno que funda o próprio homem (RATZINGER, 2019, p. 207-208).

E é precisamente sobre esta base sacramental-existencial que são fundados os sacramentos cristãos. Ratzinger mostra a "sacramentalidade cristã como acolhida, purificação, desdobramento e concreção da sacramentalidade primordial" (ESNAOLA, 2011, p. 34).

À dimensão biológica e cósmica já se acrescentou a histórica. Agora, com a instituição de Cristo, por meio dos sacramentos da nova aliança ocorre, para o homem, a sua "inserção na história derivante de Cristo" (RATZINGER, 2019, p. 208).

Nos primeiros está o mistério oculto do cosmos; no segundo resplandece o mistério de Cristo. A divindade oculta agora tem rosto, carne e sangue. Ai está a dificuldade do nosso tempo: não seria problema admitir um mistério divino do cosmos, mas vê com dificuldade o fato de que a sua existência esteja conectada com a existência concreta de Jesus presentificada nos sacramentos (ESNAOLA, 2011, p. 30).

Ao buscar a especificidade da noção cristã de sacramento Ratzinger recorda que, desde o início da Igreja, muitas realidades foram entendidas como sacramentos: acontecimentos da história, palavras bíblicas, o culto, pois todos estão remetidos à obra redentora de Cristo (RATZINGER, 2019, p. 205), diferentemente da concepção mais estrita que domina hoje, caracterizada pela conjunção de três fatores: instituição por parte de Cristo, sinal exterior, graça interior (RATZINGER, 2019, p. 210).

Mas o que é típico do cristão é, em primeiro lugar, que Deus se revela, saindo da obscuridade. O segundo elemento é que as coisas, como a água, não são mais vistas apenas sob a ótica físico-química, mas como sinais, como "transparência com relação ao poder criador de Deus" (RATZINGER, 2019, p. 207).

O caminho percorrido até aqui com Ratzinger nos leva a apontar três princípios na sua noção de sacramento: o cósmico (religiosidade natural), o histórico (carne e sangue do mistério divino do cosmos) e o espiritual (inserção na comunidade sacramental que abre à graça libertadora de Cristo). Aqui entra a originalidade dos sacramentos cristãos em relação a tudo aquilo que os precedeu na história das religiões:

Receber os sacramentos cristãos significa entrar na história que parte de Cristo, na fé de que essa seja a história salvífica que abre ao homem o contexto histórico, que o faz viver verdadeiramente e o introduz em sua verdadeira autenticidade: na unidade com Deus – aquela unidade que é o seu futuro eterno. Em resumo, podemos, portanto, constatar em que sentido os sacramentos sejam fundamentais para a existência cristã: eles exprimem, antes de tudo, a dimensão vertical da existência humana; eles fazem referência à dimensão horizontal da história da fé derivante de Cristo, porque a existência humana, em sua forma concreta, se baseia nessa dimensão horizontal; é historicamente mediada e atinge a si mesma somente nessa mediação histórica (RATZINGER, 2019, p. 209).

1.2 Nem idealismo nem materialismo: a dimensão simbólica do ser humano

Ratzinger critica, ao mesmo tempo, a um idealismo antissacramental que vê o homem apenas como puro espírito diante de Deus (mais próximo de Rudolf Bultmann, além de encontrar suas

raízes em Johann Gottlieb Fichte e até em René Descartes) e, ao mesmo tempo, ao materialismo (tanto o marxismo quanto Martin Heidegger) que reduz o homem ao *homo faber*, os quais perdem a dimensão do simbolismo e a capacidade de "vislumbrar o eterno" (RATZINGER, 2019, p. 212). A dimensão simbólica, como já se viu mais acima, integra o corporal e o espiritual.

E é precisamente no sacramento por excelência, a Eucaristia, que isso se mostra mais claramente. Para Ratzinger, "o específico da Eucaristia não é a presença de Deus em geral, mas a presença do Homem Jesus Cristo, presença que envia ao caráter horizontal, historicamente determinado, do encontro do homem com Deus" (2019, p. 212-213). A quem afirma que não há necessidade de meios materiais para alcançar um Deus espiritual, Ratzinger diz que é possível encontrá-lo precisamente "de modo humano" (2019, p. 213), ou seja, "na forma da comunhão inter-humana, da corporeidade e da história" (RATZINGER, 2019, p. 213).

E pela mediação da Igreja – com seus sacramentos – sua presença alcançável continua perenemente disponível a todos. Por isso mesmo a oração na igreja – como a adoração eucarística – faz parte da relação com Deus dentro do mistério da Igreja. E isso revela:

[...] o verdadeiro sentido da nossa ida à igreja: a inserção da minha pessoa na história de Deus com os homens. Somente nessa história eu, como pessoa humana, tenho a minha verdadeira existência humana e, portanto, somente ela abre para mim o verdadeiro âmbito do meu encontro com o amor eterno de Deus (RATZINGER, 2019, p. 214).

1.3 Martírio como liturgia

Uma nota interessantíssima da teologia litúrgica de Ratzinger: como outros (CASTELLANO, 2009, p. 77) ele põe o martírio no nível de reflexão sobre a Eucaristia, que ele mesmo definiu explicitamente como "existencial" (RATZINGER, 2019, p. 414).¹² Ele remete a Paulo (Fl 2, 17), prisioneiro, que usa de linguagem litúrgica para se referir ao próprio e próximo martírio:

¹² Para uma primeira aproximação ao tema, ver Horn (2008).

A morte testemunhal do Apóstolo tem caráter litúrgico, é um ser "derramado" sobre o sacrifício, é um "ser derramado" da vida como oferta sacrificial... O martírio do Apóstolo toma parte no mistério da cruz e na sua dignidade teológica. Torna-se liturgia vivida que na fé é reconhecida como tal e é, ela mesma, serviço para a fé. Porque é verdadeira liturgia, ela realiza aquilo que visa o culto: a alegria, aquela alegria que pode surgir somente do contato entre o homem e Deus, pela anulação das limitações da existência terrena (RATZINGER, 2019, p. 414).

Em seguida o teólogo alude a exemplos de martírios que confirmam esta percepção, como de São Policarpo, cujas atas descrevem o seu martírio como liturgia, como "Eucaristia do mártir" (RATZINGER, 2019, p. 414), além de São Lourenço na grelha e até, mais contemporaneamente, São Maximiliano Maria Kolbe (RATZINGER, 2019, p. 415-416).

1.3.1 O culto espiritual: a Palavra como Sacrifício

Esta temática é abundante e insistente na obra ratzingeriana, sobretudo quando menciona o *Quam oblationem* do Cânon Romano (ASSUNÇÃO, 2016, p. 204-219). Este tema está desenvolvido no seu texto *Eucaristia e missão* logo depois do tema do martírio, pois está no mesmo nível existencial. Basta citá-lo aqui como um exemplar da visão global que Ratzinger tem da eucaristia cristã. A expressão de Paulo em Rm 12, 1 – *logiké latreia*¹³, que representava o encontro da piedade judaica com a grega próximo ao tempo de Jesus:

Em contraposição com o culto exterior, desenvolvido com sacrifícios de animais e de coisas, agora – baseado nas experiências do tempo do exílio de Israel – é afirmado o verdadeiro sacrifício a Deus é a interioridade do homem, que se torna ela mesma adoração. A palavra é o sacrifício, o sacrifício deve ser verbal (*logikon*), mas se entende naturalmente a palavra, na qual todo o espírito do homem se condensa e se exprime (RATZINGER, 2019, p. 417).

Isto é que está precisamente na ideia de *rationabile obsequium* do Cânon Romano que traduz a expressão grega de Paulo. Não somente os dons são oferecidos, não é Cristo que se oferece sozinho; vamos nos com ele, em seu sacrifício: "nós

rezamos a fim de que o *Logos*, Cristo mesmo, que é o verdadeiro sacrifício, nos envolva em seu ato de oferecer-se, que nos torne conforme ao *Logos*, conformes à sua Palavra..." (RATZINGER, 2019, p. 417). E Ratzinger defende que ainda que o Cânon interpreta corretamente Rm 12, 1: "A aplicação da linguagem cultual à vida cristã não é uma alegoria moralizadora; não deixa de lado a Cruz e a Eucaristia..." (RATZINGER, 2019, p. 418). O que se quer é atrair a nossa existência corpórea à comunhão corpórea com Cristo (RATZINGER, 2019, p. 418).

1.4 Missão e liturgia cósmica

Uma última anotação sobre o texto que está sendo apresentado aqui. Ratzinger mostra, a partir de Rm 15, 16, que Paulo interpreta o seu ministério, a sua missão apostólica, em chave litúrgica. A própria Carta aos Romanos, ao ser escrita para ser anunciada, converte-se em "um evento litúrgico, cultual", pois pede que o mundo pagão e mesmo a humanidade inteira "se torne liturgia cósmica, na qual a humanidade deve tornar-se adoração, esplendor da glória de Deus" (RATZINGER, 2019, p. 419). A adesão ao Senhor que busca o anúncio missionário "nos une em uma existência corpóreo-existencial com Ele" que "é irrenunciável, como fundamento espiritual" (RATZINGER, 2019, p. 420). Do contrário restaria apenas uma comunhão de pensamento, de vontade e de ação, sem laço real com Cristo. Paulo, ao utilizar a linguagem litúrgica para caracterizar a própria missão apostólica, mostra que toda missão "está sacramentalmente fundada, é uma unificação real com o corpo de Jesus Cristo sacrificado e eternamente vivente na Ressurreição" (RATZINGER, 2019, p. 420). Assim se realiza, de fato, o que se pedia em Rm 12:

Uma Eucaristia que permanecesse somente como um contraposto diante de nós acabaria por reencontrar-se na dimensão material e o nível propriamente cristão não seria absolutamente alcançado. Inversamente: uma existência cristã que não fosse envolvimento na Páscoa do Senhor, que não se tornasse ela mesma Eucaristia, acabaria no moralismo do nosso agir e, deste modo, não colheria a totali-

¹³ Assim citada por Ratzinger neste texto, mas no original alemão aparece em grego: ... (2008, p. 417).

dade da liturgia nova, que é fundada mediante a cruz (RATZINGER, 2019, p. 420).

2 A forma eucarística da vida cristã no magistério de Bento XVI

Quando o Papa Francisco foi eleito, o Pontífice tomou o esboço da *Lumen fidei* e trabalhou sobre ele, publicando-a como parte do seu magistério, como foi informado acima. Mas ali há uma nota tipicamente ratzingeriana, ao caracterizar os sacramentos da Igreja e da fé ao mesmo tempo que realizam a integralidade da existência humana:

Existe um meio especial que põe em jogo a pessoa inteira: corpo e espírito, interioridade e relações. Este meio são os sacramentos celebrados na liturgia da Igreja: neles, comunica-se uma memória encarnada, ligada aos lugares e épocas da vida, associada com todos os sentidos; neles, a pessoa é envolvida, como membro de um sujeito vivo, num tecido de relações comunitárias. Por isso, se é verdade que os sacramentos são os sacramentos da fé, há que afirmar também que a fé tem uma estrutura sacramental; *o despertar da fé passa pelo despertar de um novo sentido sacramental na vida do homem e na existência cristã, mostrando como o visível e o material se abrem para o mistério do eterno* (FRANCISCO, 2013, n. 40, grifo nosso).

Mas, agora, deve-se ir do fim ao começo do pontificado beneditino. O magistério de Bento XVI oferece base para uma conjugação entre a liturgia e a vida de cada fiel cristão. Nos primeiros anos de seu breve pontificado emergem estas notas existenciais da vida cristã.

Em sua primeira encíclica, *Deus caritas est*, ele acentuava a mística social do sacramento (pois implica a associação a um Corpo, a Igreja) ao mesmo tempo em que reclamava que esta mística transbordasse para além do âmbito eclesial, dado que:

Fé, culto e *ethos* compenetraram-se mutuamente como uma única realidade que se configura no encontro com a *agape* de Deus. Aqui, a habitual contraposição entre culto e ética simplesmente desaparece. No próprio 'culto', na comunhão eucarística, está contido o ser amado e o amar, por sua vez, os outros. Uma Eucaristia que não se traduza em amor concretamente vivido, é em si mesma fragmentária (BENTO XVI, 2005, n. 14).

Até o momento se viu em sua teologia que os sacramentos cristãos, singulares por colocarem o homem dentro da história de Cristo, ou seja, dentro de sua obra de salvação, já vinham sendo preparados no terreno da própria natureza humana, fortemente, fundamentalmente "sacramental". O homem e sua vida são, em si mesmos, sacramentais. O *fundamento* de sua vida é sacramental. Agora, em seu magistério, pode-se ver que, depois do aparecimento de Jesus na história e da instituição dos sacramentos por ele instituídos e prolongados pela Igreja, esta mesma vida deve chegar a ter uma *forma* específica advinda do sacramento dos sacramentos, pelo qual se deu a doação total e sua vida: a Eucaristia. Ou seja, para uma autêntica existência cristã, o fundamento é *sacramental* e a forma é *eucarística*.

2.1 O verdadeiro culto espiritual

Isso ficou muito claro particularmente na Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum caritatis* sobre a Eucaristia (*Sca*), fonte e ápice da vida e da missão da Igreja (22 de fevereiro de 2007).¹⁴ Ela é o reflexo do desejo dos Padres Sinodais de "que o povo cristão aprofunde a relação entre o *mistério eucarístico*, a *ação litúrgica* e o *novo culto espiritual* que deriva da Eucaristia enquanto *sacramento da caridade*" (n. 5). Ou seja, mistério, ação e vida de (espiritual, mas no mundo) de que se falava na introdução.

Os três capítulos que compõem a *Sca* apresentam, sucessivamente, a Eucaristia como *mistério*, segundo três dimensões: acreditado, celebrado, vivido. Ou seja, fé, celebração e vida. Na primeira parte, ao tratar da relação entre Eucaristia e Sacramentos e, mais especificamente, da sacramentalidade de Igreja, o papa alemão mostrava a "concretude" existencial dos sacramentos e o modo espiritual que a vida cristã deve adotar:

Esta relação íntima da Eucaristia com os demais sacramentos e com a existência cristã compreende-se, na sua raiz, quando se contempla o mistério da própria Igreja como sacramento. [...] A Igreja *recebe-se* e simultaneamente *exprime-se* nos sete sacramentos, pelos quais a graça de Deus influencia concretamente a

¹⁴ Para um estudo mais global da Exortação, ver Nardin e Tangorra (2008).

existência dos fiéis para que toda a sua vida, redimida por Cristo, se torne culto agradável a Deus" (BENTO XVI, 2007, n. 16, grifo do autor).

A última parte da citação dá a base para a reflexão do terceiro capítulo – inspirado por Jo 6, 57 – o qual tratou da “Forma eucarística da vida cristã” (n. 70-83), abrindo sua reflexão explicando o verdadeiro *Culto espiritual* (n. 71) que dá a ela significado e propósito divinos.

O n. 70 é particularmente elucidativo, pois trata do mesmo tema presente na teologia da Ratzinger e que caracteriza também as discussões recentes entre liturgia e espiritualidade (CASTELLANO, 2009, p. 62-67). O referido número começa citando o grande mestre de Ratzinger, Santo Agostinho de Hipona, fazendo referência à sua afirmação de que na Eucaristia ocorre o processo inverso ao do alimento comum: no caso do sacramento, aqueles que dele comem é que são transformados naquilo que comem, ou seja, no corpo de Cristo. E prosseguia apontando a teologia bíblica – mais uma vez paulina – que embasa a sua concepção:

A celebração eucarística surge aqui em toda a sua força como fonte e ápice da existência eclesial, enquanto exprime a origem e simultaneamente a realização do culto novo e definitivo, o culto espiritual (*logiké latreia*). As palavras que encontramos sobre isto, na *Carta* de São Paulo aos Romanos, são a formulação mais sintética do modo como a Eucaristia transforma toda a nossa vida em culto espiritual agradável a Deus: Peço-vos, irmãos, pela misericórdia de Deus, que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus. Tal é o culto espiritual que Lhe deveis prestar” (12, 1). Nesta exortação, aparece a imagem do novo culto como oferta total da própria pessoa em comunhão com toda a Igreja. A insistência do Apóstolo sobre a oferta dos nossos corpos sublinha o concretismo humano dum culto de forma alguma desencarnado. E, a propósito, o santo de Hipona lembra-nos que “este é o sacrifício dos cristãos, ou seja, serem muitos e um só corpo em Cristo. A Igreja celebra este mistério através do sacramento do altar, que os fiéis bem conhecem e no qual se lhes mostra claramente que, naquilo que se oferece, ela mesma é oferecida”. De facto, a doutrina católica afirma que a Eucaristia, enquanto sacrifício de Cristo, é também sacrifício da Igreja e, consequentemente, dos fiéis. Esta insistência sobre o sacrifício — *sacrum facere*, “tornar sagrado” — exprime aqui toda a densidade existencial que está implicada na transformação da nossa realidade humana alcançada por Cristo (*Fil* 3, 12) (BENTO XVI, 2007, n. 70).

O culto espiritual é realizado por todos os fiéis em sua vida. Se a vida se torna oferta, se todas as circunstâncias do estar no mundo do cristão são entregues a Deus, sejam dores e as alegrias, em espírito de ação de graças, então a sua vida cotidiana é litúrgica e eucarística em sentido lato.

Antes de prosseguir com a *Sca*, é preciso remeter a uma catequese de Bento XVI dedicada ao tema do *culto espiritual* em São Paulo, de 7 de janeiro de 2009. Na ocasião o papa mostra primeiramente que, para Paulo, em Rm 3, 25, Cristo é o verdadeiro instrumento de expiação; sua morte é o verdadeiro *yom kippur*: a aspersão do seu sangue tornou real o contato da culpa humana com o amor divino. “A cruz de Cristo, o seu amor com carne e com o sangue é o culto real, correspondendo à realidade de Deus e do homem” (BENTO XVI, 2018, p. 466).

Mas a atenção do Papa está voltada mais uma vez para Rm 12, 1. O Pontífice cita a percepção que por muito tempo se teve a convicção de que Paulo era antiritualista e espiritualizante sobre o culto. Entretanto, ele mostra que hoje se tem uma nova compreensão da visão cultural paulina. Paulo aplica a palavra “sacrifício” à vida do cristão. Os termos da liturgia judaica são aplicados não ao culto cristão, mas à vida cristã (AUGÉ, 1998, p. 20-28; CASTELLANO, 2009, p. 62-63). Ele pede um sacrifício vivo (com vitalidade), santo (santidade não dos objetos ou lugares, mas da pessoa cristã) e agradável (remetendo aos sacrifícios de agradável odor). Mas é na difícil expressão grega *ten logiken latreian* – que entrou no Cânon Romano, no *Quam oblationem* – que o papa vê a essência do culto cristão: “não se trata de um culto menos real, ou até só metafórico, mas de um culto mais concreto e realista um culto no qual o próprio homem na sua totalidade de um ser dotado de razão, se torna adoração, glorificação do Deus vivo” (BENTO XVI, 2018, p. 467).

O Papa mostra que diversos veterotestamentários já apontavam para este novo culto sem holocausto, sacrifício, incenso, sem lugar etc. (Dn 3, 38ss; Sl 50 (49), 12-14), ainda que pedissem o retorno do Templo. Entretanto, Paulo – assentada a convicção de que os sacrifícios de animais (de

substituição) se tornaram obsoletos diante do sacrifício de Jesus – busca uma nova compreensão, na senda aberta pelos textos do Antigo Testamento há pouco citados. Mesmo assim o papa adverte que este novo culto não pode ser lido em sentido moralista, como se agora bastasse o esforço moral humano em detrimento do culto. Na verdade, o que Paulo prega é que os batizados se unam a Cristo e, com Ele, convertam-se em sacrifício vivo:

Jesus Cristo, na sua doação ao Pai e a nós, não é uma substituição, mas traz realmente em si o ser humano, as nossas culpas e o nosso desejo; representa-nos realmente, assume-nos. Na comunhão com Cristo, realizada na fé e nos sacramentos, tornamo-nos, apesar de todas as nossas insuficiências, sacrifício vivo: realiza-se o "culto verdadeiro" (BENTO XVI, 2018, p. 469).

Esta explicação de Bento XVI esclarece ainda mais a concepção da *Sca*. Prosseguindo com esse documento, nele se desenvolve a ideia da *Eficácia omnicompreensiva do culto eucarístico*, ao mostrar que este culto não está restrito à celebração litúrgica; não é algo que está circunscrito a um espaço litúrgico ou que tem a duração idêntica à do rito da Missa:

O novo culto cristão engloba todos os aspectos da existência, transfigurando-a: "Quando comeis ou bebeis, ou fazeis qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus" (1 Cor 10, 31). *Em cada ato da sua vida, o cristão é chamado a manifestar o verdadeiro culto a Deus; daqui toma forma a natureza intrinsecamente eucarística da vida cristã*. Uma vez que abraça a realidade humana do crente em seu concretismo quotidiano, a Eucaristia torna possível dia após dia a progressiva transfiguração do homem, por graça chamado a ser conforme à imagem do Filho de Deus (Rm 8, 29s). Nada há de autenticamente humano — pensamentos e afetos, palavras e obras — que não encontre no sacramento da Eucaristia a forma adequada para ser vivido em plenitude. Sobressai aqui todo o valor antropológico da novidade radical trazida por Cristo com a Eucaristia: o culto a Deus na existência humana não pode ser relegado para um momento particular e privado, mas tende, por sua natureza, a permear cada aspecto da realidade do indivíduo. Assim, o culto agradável a Deus torna-se uma nova maneira de viver todas as circunstâncias da existência, na qual cada particular fica exaltado porque vivido dentro do relacionamento com Cristo e como oferta a Deus. A glória de Deus é o homem vivo (1 Cor 10, 31); e a vida do homem é a visão de Deus (BENTO XVI, 2007, n. 71, grifo nosso).

Ou seja, da mesma maneira que o culto espiritual não se identifica apenas com o momento celebrativo público dentro do espaço sagrado, ele não pode ser reduzido aos momentos privados de oração e piedade. Culto espiritual não é nem subjetivista nem intimista. A oração no quarto fechado (Mt 6, 6) não exclui – ao contrário – a celebração na Igreja a portas abertas.

Tanto que a exortação prosseguirá mostrando que o verdadeiro ser cristão pode ser vivido a partir de uma espiritualidade do domingo, "o dia em que o cristão reencontra a forma eucarística própria da sua existência", vivendo conscientemente a "libertação trazida por Cristo e realizar a própria existência como oferta de si mesmo a Deus" (n. 72), o que só pode acontecer se é respeitado o preceito dominical (n. 73). Pode-se viver a forma eucarística tanto no repouso quanto no trabalho: o descanso dominical mostra que o trabalho está a serviço do homem, não o contrário (relativização do trabalho, rejeição de toda escravidão). Por isso mesmo o homem deve descansar. "É no dia consagrado a Deus que o homem compreende o sentido da sua existência e também do trabalho" (n. 74).

Na esteira da menção ao preceito dominical o papa alude ao problema pastoral das comunidades que ficam sem celebração eucarística e devem celebrar a palavra de Deus na ausência/à espera do presbítero (n. 75).

A *Sca* volta mais claramente ao tema quando mostra que a pertença eclesial faz parte da forma eucarística da existência cristã. Quem vive segundo a Eucaristia sabe-se membro de uma comunidade, de um Corpo; este é o sentido mais amplo da *communio sanctorum*: comunhão com Deus, comunhão com os irmãos. "A forma eucarística da vida cristã é, sem dúvida, eclesial e comunitária" (n. 76).

A Exortação – citando a *Propositio* 39 do Sínodo – passa a tratar da relação entre "Eucaristia e vida cotidiana", afirmando: "A espiritualidade eucarística não é apenas participação na Missa e devoção ao Santíssimo Sacramento; mas abraça a vida inteira" (n. 77). Num mundo secularizado como o nosso, a Eucaristia "deve traduzir-se em

espiritualidade" (n. 77). Aqui o papa volta a desenvolver a sua linha expositiva a partir da carta paulina que baseou o início do capítulo III:

É significativo que São Paulo, na passagem da *Carta aos Romanos* onde convida a viver o novo culto espiritual, apele ao mesmo tempo para a necessidade de mudar a própria forma de viver e pensar: "Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para saberdes discernir, segundo a vontade de Deus, o que é bom, o que Lhe é agradável, o que é perfeito" (12, 2). Deste modo, o Apóstolo das Gentes põe em evidência a ligação entre o verdadeiro culto espiritual e a necessidade duma nova maneira de compreender a existência e orientar a vida. Constitui parte integrante da forma eucarística da vida cristã a renovação da mentalidade, pois "assim já não seremos crianças inconstantes, levadas ao sabor de todo o vento de doutrina" (Ef 4, 14) (BENTO XVI, 2007, n. 77).

Ou seja, exige conversão. O cristão será sempre um homem novo, sempre que discernir o que agrada a Deus. Mas esta renovação não deve ficar no nível individual, mas devo alcançar o nível macro, deve alcançar a coletividade, o entorno vital nos quais os cristãos se inserem. Ou seja, a Eucaristia ajuda a promover o diálogo entre as culturas:

É preciso reconhecer o carácter intercultural deste novo culto, desta *logiké latreía*: a presença de Jesus Cristo e a efusão do Espírito Santo são acontecimentos que podem encontrar-se de forma duradoura com qualquer realidade cultural a fim de a fermentar evangelicamente. Em consequência disto mesmo, temos a obrigação de promover convictamente a evangelização das culturas, na certeza de que o próprio Cristo é a verdade de todo o homem e da história humana inteira. A Eucaristia torna-se critério de valorização de tudo o que o cristão encontra nas diversas expressões culturais; num processo importante como este, podem revelar-se de grande significado as palavras de São Paulo quando, na sua *Carta aos Tessalonicenses*, convida a "avaliar tudo e conservar o que for bom" (5, 21) (BENTO XVI, 2007, n. 77).

Enfim, mais num nível eclesial, o papa mostra que todas as categorias de fiéis devem viver eucaristicamente: leigos (n. 79), sacerdotes (n. 80), consagrados (n. 81). A forma eucarística e o culto espiritual exigem, por fim, duas posturas cristãs: *transformação moral*, sem moralismo, "uma tensão e um anseio profundo de querer corresponder ao amor do Senhor com todo o

próprio ser, embora conscientes da nossa fragilidade" (n. 82); *coerência eucarística*, pois "o culto agradável a Deus nunca é um ato meramente privado, sem consequências para as relações sociais: requer o testemunho público da própria fé" (n. 83), inclusive dos leigos inseridos na vida pública, que devem promover os valores inegociáveis da nossa fé e, também, dos bispos, que devem recordar permanentemente estes valores.

2.2 Tensão missionária e forma eucarística

Na parte I da *Sca* a missionariedade é, antecipadamente, evidenciada como extensão do impulso eucarístico. A Missa dá origem à missão, já afirmava a Exortação, partindo da despedida litúrgica da Missa pós-bênção final na sua forma latina:

Ite, missa est. Nesta saudação, podemos identificar a relação entre a Missa celebrada e a missão cristã no mundo. Na antiguidade, o termo "missa" significava simplesmente "despedida"; mas, no uso cristão, o mesmo foi ganhando um sentido cada vez mais profundo, tendo o termo "despedir" evoluído para "expedir em missão" (BENTO XVI, 2007, n. 51).

Por isso a parte III aparece primeiramente o tema da *Eucaristia e missão*, n. 84 (o mesmo título do artigo de Ratzinger apresentado antes), dizendo que "a Eucaristia é fonte e ápice não só da vida da Igreja, mas também da sua missão". A *Sca* explica o fundamento cristológico que se manifesta na Eucaristia e que se cumpre também na missão da Igreja:

[...] a própria instituição da Eucaristia antecipa aquilo que constitui o cerne da missão de Jesus: Ele é o enviado do Pai para a redenção do mundo (*Jo* 3, 16-17; *Rm* 8, 32). [...] Não podemos abeirar-nos da mesa eucarística sem nos deixarmos arrastar pelo movimento da missão que, partindo do próprio Coração de Deus, visa atingir todos os homens; assim, a *tensão missionária é parte constitutiva da forma eucarística da existência cristã* (RATZINGER, [2013], grifo nosso).

2.3 Martírio como Eucaristia

No parágrafo seguinte da *Sca* Bento aborda o tema *Eucaristia e testemunho*. Neste campo aparece o martírio em chave eucarística, como a forma mais radical de transformação da própria existência como sacrifício vivo, como oblação a Deus

Nesta ordem de ideias, apraz-me retomar um conceito caro aos primeiros cristãos, mas que nos interpela também a nós, cristãos de hoje: o testemunho até ao dom de si mesmo, até ao martírio, sempre foi considerado, na história da Igreja, o apogeu do novo culto espiritual: "Oferecei os vossos corpos" (*Rm* 12, 1). Pense-se, por exemplo, na narração do martírio de São Policarpo de Esmirna, discípulo de São João: o seu caso, dramático, é todo ele descrito como uma liturgia; mais ainda, como se o próprio mártir se tornasse Eucaristia. Pensemos também na consciência eucarística que Inácio de Antioquia exprime tendo em mente o seu martírio: considera-se "trigo de Deus" e, pelo martírio, deseja transformar-se em "pão puro de Cristo". O cristão, quando oferece a sua vida no martírio, entra em plena comunhão com a páscoa de Jesus Cristo e, assim, ele mesmo se torna Eucaristia com Cristo (BENTO XVI, 2007, n. 85).

Isso é tão presente no pensamento de Bento XVI que, em recente texto sobre a "Igreja e o drama dos abusos sexuais" ele asseverou: "O martírio é a categoria básica da existência cristã" (I2019).

Considerações finais

A reflexão de Ratzinger como teólogo conjuga antropologia e teologia, moral e liturgia, liturgia e espiritualidade. Pode-se ver que, para ele, a dimensão sacramental e eucarística abarca tudo, transforma tudo por dentro. Deus preparou a criação para receber os sacramentos da redenção. Deus preparou a existência do homem para ser elevada, realizada na dimensão sacramental. O homem não entende a si mesmo se não se percebe aberto ao divino e não o acolhe livremente quando se encontra com a iniciativa divina. Se abre a porta e deixa Deus entrar, sua existência será sinal permanente da ação de graças que o próprio Cristo elevou ao Pai. A sua vida se converte em altar. O cristão, onde ele estiver, deverá deixar-se arrastar pelo movimento ascendente da oblação, de oferta sacrificial de si mesmo, vinculada com a entrega do próprio Filho de Deus. Vê-se, por exemplo, que o martírio é o protótipo da consumação de uma existência cristã que se oferece sem meias medidas, que aceitou a cruz na sua carne para participar da Páscoa de Cristo, que se identificou com Cristo na sua morte para participar de sua vida.

A *Sca* bem mostrou como a Eucaristia se irradia, tanto no nível eclesial – pois deve ser

vivida por cada um dos estados de vida dentro da Igreja – como para a vida pública, para as relações sociais e culturais. Nada escapa aos efeitos redentores da Eucaristia.

Enfim, Bento XVI mostra que nada que é humano não pode ser redimido e transformado em culto agradável e verdadeiro. De fato, é possível transformar a vida toda sob o prisma eucarístico – como se faz na solenidade de *Corpus Christi*, desde que haja cristãos devidamente "eucarizados" andando pelas vielas deste mundo. Há uma condição para isso aconteça: são necessários batizados que se deixem "impregnar e encher pelo Espírito de Cristo", buscando "erigir os sacrários de Deus ali onde verdadeiramente são necessários: no meio do mundo em que vivemos, no meio dos homens que nos rodeiam" (RATZINGER, 2013, p. 5-6).

Referências

ASSUNÇÃO, Rudy Albino de. *O Sacrifício da Palavra: A liturgia da Missa segundo Bento XVI*. Campinas: Ecclesiae, 2016.

ASSUNÇÃO, Rudy Albino de; SANTOS, Mariana Lane Freitas. *A actuosa participatio* na liturgia de acordo com Joseph Ratzinger-Bento XVI. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 32, p. 355-371, jul./dez. 2017.

AUGÉ, Matias. *Liturgia: História, Celebração, Teologia, Espiritualidade*. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 1998.

BARAÚNA, Guilherme. A participação ativa, princípio inspirador e diretivo da constituição litúrgica. In: BARAÚNA, Guilherme (org.). *A sagrada liturgia renovada pelo Concílio*. Petrópolis: Vozes, 1964. p. 281-353.

BLANCO, Pablo. Liturgia y eucaristia em la obra de Joseph Ratzinger. *Scripta Theologica*, Pamplona, v. 38, n. 1, p. 103-130, 2006.

BLANCO, Pablo. Cena, sacrificio y resurrección. La Eucaristia en los escritos de Joseph Ratzinger. *Liturgia y espiritualidad*, Barcelona, n. 10, p. 482-490, 2007a.

BLANCO, Pablo. El corazón de la fe cristiana. Una aproximación a la teología litúrgica de Joseph Ratzinger. *Phase*, Barcelona, v. 47, n. 280, p. 183-202, 2007b.

BLÁSQUEZ, Ricardo. Liturgia y teología en Joseph Ratzinger. In: MADRIGAL, Santiago (ed.). *El pensamiento de Joseph Ratzinger, teólogo y papa*. Madrid: San Pablo, 2009. p. 295-319.

BENTO XVI, Papa. Carta Encíclica *Deus caritas est* sobre o amor cristão, 25 dez. 2005. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html. Acesso em: 21 out. 2021.

BENTO XVI, Papa. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis* sobre a Eucaristia, fonte da vida e da missão da Igreja. In: *Vatican*. Vaticano, 22 fev. 2007. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html. Acesso em: 21 out. 2021.

BENTO XVI, Papa. *Oração e Santidade: Catequeses ao Povo de Deus*. São Paulo: Molokai, 2018. v. II.

BENTO XVI, Papa. A Igreja e o drama dos abusos sexuais. In: *IHU UNISINOS*. São Leopoldo, 12 abr. 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/588356-o-diagnostico-de-bento-xvi-sobre-a-igreja-e-os-abusos-sexuais>; Acesso em: 21 out. 2021.

CASTELLANO, Jesús. *Liturgia e vida espiritual: Teologia, Celebração, Experiência*. São Paulo: Paulinas, 2008.

CASTILLO, Ricardo Reyes. *La unidad en el pensamiento litúrgico de Joseph Ratzinger*. Madrid: BAC, 2013.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: *Vatican*. Vaticano, 4 dez. 1963. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Acesso em: 20 out. 2021.

ESNAOLA, Manuel Aroztegi. La noción de sacramento en Joseph Ratzinger. *Revista Española de Teología*, Madrid, v. 71, n. 1, p. 21-48, 2011.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Lumen fidei* sobre a fé. In: *Vatican*. Vaticano, 29 jun. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html. Acesso em: 21 out. 2021.

HÄRING, Bernard. Existência cristã e liturgia. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille Maria (org.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992. p. 436-441.

HORN, Stephan Otto. Zum existentiellen und sakramentalen Grund der Theologie bei Joseph Ratzinger – Papst Benedikt XVI. *Didaskalia*, Lisboa, v. XXXVIII, n. 2, p. 301-310, 2008.

MAERTENS, Thierry. Igreja local e assembleia eucarística. In: LAMBERT, Bernard (org.). *A nova imagem da Igreja*. Balanço do Concílio. São Paulo: Herder, 1969, p. 363-375.

MAGRASSI, Mariano. *Cativados por Cristo*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MARSILI, Salvatore. A liturgia, momento histórico da salvação. In: NEUNHEUSER, Burkhard; MARSILI, Salvatore; CIVIL, R. *A liturgia, momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 37-190.

MARSILI, Salvatore. Liturgia. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille Maria. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992. p. 638-651.

MARTÍN, Julián Lopez. *A liturgia da Igreja: Teologia, História, Espiritualidade e Pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006.

NARDIN, Roberto; TANGORRA, Giovanni (ed.). *Sacramentum caritatis: studi e commenti all'Esortazione apostolica postsinodale di Benedetto XVI*. Città del Vaticano: *Lateran University Press*, 2008.

RATZINGER, Joseph. *O que é ser cristão*. Caxias do Sul: Paulinas, 1969.

RATZINGER, Joseph. *Fé e futuro*. Petrópolis: Vozes, 1971.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao cristianismo: Preleções sobre o Símbolo Apostólico com um novo ensaio introdutório*. São Paulo: Loyola, 2005.

RATZINGER, Joseph. *Gesammelte Schriften. Theologie der Liturgie: Die sakramentale Begründung christlicher Existenz, Band 11*. Freiburg: Herder, 2008.

RATZINGER, Joseph. *Obras Completas VII/1: Sobre la enseñanza del concilio Vaticano II*. Madrid: BAC, 2013.

RATZINGER, Joseph. *Teologia da liturgia: O fundamento sacramental da existência cristã*. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

SCHALLER, Christian. Descortinar no presente, converter para o futuro. A obra completa de Joseph Ratzinger. Um relatório da edição. In: ASSUNÇÃO, Rudy Albino de; HOEMBERGER, Gilcemar (org.). *O Primado do Amor e da Verdade: O patrimônio espiritual de Joseph Ratzinger-Bento XVI*. São Paulo: Fons Sapientiae, 2016. p. 347-361.

TRIACCA, Achille Maria. Participação. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille Maria (org.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992. p. 886-904.

Rudy Albino de Assunção

Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, SC, Brasil, com pós-doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRio), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Coordenador e professor dos cursos de Filosofia e Teologia do Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA), em Quixadá, CE, Brasil e da Universidade Internacional de La Rioja (UNIR), Logroño, La Rioja, Espanha.

Endereço para correspondência

Rudy Albino de Assunção

Centro Universitário Católica de Quixadá

Rua Juvêncio Alves de Oliveira, 660

Centro, 63900257

Quixadá, CE, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.